

# Aracy Cortes, a "Linda Flor"

## A HOMENAGEM NOS SEUS 80 ANOS

**O** olho pequeno, estreito, mantém um olhar intenso. Um tanto mais duro. As frases conservam a malícia e, à primeira vista, aparenta disposição ("É pura sem-vergonhice") e os gestos são decididos. Mas tudo é permeado por um grande amargor. Afinal, ela é Aracy Cortes, a grande estrela, coberta de jóias e glórias, bajulada, que hoje, às vésperas de completar 80 anos (dia 31 de março), mora num quarto alugado numa casa de cômodos em São Francisco Xavier. Outro dia, não conseguiu matar uma ratazana que entrou no quarto. Tem tomado relaxantes.

A homenagem a quem criou um estilo e influenciou gerações foi feita com o cuidado e o carinho que a intérprete primeira de Jura e Ai, iô-iô merece: duas semanas com um show na Sala Sidney Miller da Funarte (de amanhã a 7 de abril), o lançamento de um livro sobre sua vida, escrito pelo pesquisador Roberto Ruiz, e de um disco com gravações de matrizes antigas, produzido por Jairo Severiano. Estes dois no dia 3 de abril.

É o Projeto Linda Flor (nome do show, disco e livro), feito pela Funarte, cuja intenção — mais importante que a homenagem — é iniciar um movimento para conseguir uma pensão especial do Governo. Como Henriette Morineau conseguiu recentemente.

Sobrevivendo com dois salários mínimos que recebe do Estado, numa situação que fere sua auto-estima ("Sou a raiz desse troço todo"), essa cantora que já foi chamada de "A voz de ouro", "a alma da revista", "a dama do teatro" prefere não detalhar as condições em que vive. Nem permite visitas à sua moradia. Uma situação que considera quase tão impúblicável como as piadas de duplo sentido e as histórias sobre colegas que desfia com língua ferina. Tem verve ainda, mas é como se lesse o script da própria vida.

— Estou sofrendo demais, não é o meu ambiente. Já morou no assunto? Ai é que está o chuá — comenta quando o assunto é sua casa.

Quem trocava de carro todo ano — e foram 10 Chevrolets — brilhou nos palcos e cobriu-se de jóias, fuma agora um cigarro de Cr\$ 290,00 o maço:

— Não digo o nome para não fazer propaganda.

E perdeu tudo aos poucos, anéis e pulseiras empilhados, vendidos, sustentando os anos longe do palco.

Primeiro abandonou-o em 1942 ("Morreram os autores, acabou-se a revista"), houve uma volta em 1952, com O bode está solto ("Foi uma apoteose"), e o Rosa de Ouro em 1965. Depois os espetáculos na Funarte em 1976, 1978 e 1980. Tinha "pouca cabeça" para se manter. Ficou a experiência, diz.

Nem o acervo manteve. Foi vendido no ano passado para o pesquisador de música popular Ary Vasconcelos por Cr\$ 100 mil. Recortes de jornal, fotos, algumas roupas. Tudo estava guardado com J. Maia, contra-regra de teatro, fá incondicional da estrela, que acabou se transformando num misto de empresário, amigo, pai, filho, tábuca de salvação. Dizem até que é marido, atalha Aracy, irônica.

O acervo ficava na casa de J. Maia — magro, 41 anos, sonhando em pedir a Roberto Carlos uma casa para a estrela — pois na casa da irmã da cantora, onde ela morava, mal havia espaço para Aracy. Acabou saindo de lá:

— Se tivesse família, diria que não tinha — afirma.

J. Maia também se mudou e a venda — reverteu o dinheiro para Aracy — foi meio "desesperada", como sentiu Ary Vasconcelos. O valor material de um acervo desses é sempre relativo, observa o pesquisador, mas é "muito mais valioso". Quem deveria cuidar disso era o Governo, é claro, mas Ary define sua experiência com órgãos culturais como "decepcionante".

— Ele deve ter oferecido a um, a outro. Tinha de resolver, e aí é melhor ficar na mão de um particular do que ir para o lixo, como tantos acervos já foram.

Os copos d'água se sucedem durante a entrevista. Aracy tem muita sede, devido à diabete que, somada ao problema da pressão, são as conseqüências do momento em que vive:

— É tudo de fundo emocional — garante Aracy, o risco da sobrelha em lápis preto, um blush escondendo a palidez do rosto, batom.

Não se anima para o show, "nem para a vida", nem tem mais esperanças de conseguir a pensão especial. Bastaria para tal uma penada do Presidente, porque a comprovação junto ao INAMPS é aquele processo longo, quase impossível de provar — de acordo com as exigências burocráticas — o trabalho numa época em que não havia, no teatro, nem dia de folga.

— Eu falo exatamente o que acho — diz, acreditando que isso é prejudicial.

— E o show é a mesma bobagem de sempre, não dá sensação. Com pureza d'alma, não gosto mais da profissão.

Mas foi ela mesma quem faz questão de participar da homenagem, mesmo cantando poucas músicas, como conta o diretor da sala da Funarte, Érico de Freitas. A idéia do diretor do espetáculo, Arthur Laranjeiras, é uma homenagem sem pieguismo, com a irreverência que caracteriza Aracy. Tampouco uma retrospectiva, que seria impossível, mas alguns dos seus sucessos ("E todos foram sucessos, sem vitupérios", diz a cantora), cantará acompanhada por Marília Batista e o conjunto Chorando Baixinho.

**A**RACY Cortes era a "figurinha da brasileira petulante", no dizer do jornalista Mário Nunes, à época de seu auge (ela começou em 1920, estourou em 25, percorreu a década de 30 no apogeu). O pesquisador Jairo Severiano, que selecionou as músicas que estão no disco a ser lançado agora pela Funarte, observa na contracapa que algumas características do estilo de Aracy atravessaram gerações, "e são usadas por artistas que, nesse Brasil de memória curta, poucas vezes (ou nunca) devem ter ouvido falar em seu nome".

Laranjeiras recorda que ela influenciou, na música, Dalva de Oliveira e Carmem Miranda (que

caderno

**B**

Nas décadas de 20 e 30, Aracy era "a figurinha da brasileira petulante", segundo o jornalista Mário Nunes. Hoje, aos 80 anos, passa tantas dificuldades que não quer nem contar

Ronaldo Theobald



seguiu a idéia pioneira de Aracy, de vestir uma baiana no palco). No teatro, marcou Alda Garrido e Dercy Gonçalves. Foi ela quem lançou um gênero, o samba-canção, com Ai, iô-iô, de Henrique Vogeler e Luís Peixoto, inovou cantando o samba de outro jeito, sem a pompa e o vozerio que caracterizavam os cantores da época. Era brejeira, o olhar dizia tudo.

O repertório de Aracy — diz Jairo Severiano — variava da canção romântica ao samba sacudido, de letra maliciosa, que ela interpretava com chistes e requebros, levando ao delírio os frequentadores de seus espetáculos.

E estes eram diários, dois por noite, três nos dias de matiné. Uma vez foi convidada para fazer a samaritana na Paixão de Cristo, mas o público ria tanto quando ela aparecia, que teve de ir para a coxia cantar a Ave-Maria.

Nasceu no Estácio. Aos 16 fez a primeira revista, lançou o compositor Assis Valente, foi a primeira a cantar Aquarela do Brasil de Ary Barroso. Colecionou farras, sucessos, fias, excursionou e se apresentou em Portugal, França e Argentina:

— Meu repertório é uma reliquia. Coisa muito fina, e ninguém consegue me imitar. As vezes, elas pegam meu Ai, iô-iô para assinar. São umas audaciosas, contou Aracy há poucos anos, quando ainda falava da carreira. Neste espetáculo ela não canta Ai, iô-iô: "Enjoei".

Chegou a ser dona de companhia teatral, onde deixou sua marca personalidade forte, exigente ditatorial, ela mesma confessa. Por isso, o período de 15 dias que passou há algum tempo no Retiro dos Artistas não foi dos mais acolhedores. Lá estavam com as mesmas carências, coristas, girl que trabalharam com ela. Aracy ouviu um bocadinho

Como pessoa, define-se como um coração de ouro. Até alguém pisar em seus calos. E continuou morrendo de medo de homem: a grande paixão foi Renato Meira Lima, secretário de Washington Luís. Mas não quer falar de nada disso, das glórias e amores.

Aracy se expõe, conta Laranjeiras, diz coisas que passam pela cabeça de todo velho, mas o pudor impede de por pra fora:

— Essa é a garra dela.

Aracy se diz triste, sofrendo. Na última faixa do disco Linda Flor está gravada a sua voz dizendo hoje os versos de um samba a ela dedicado por Assis Valente: "Nasci artista / nasci sambista / e a hoje não me arrependi / público amigo que não me esquece / quem te agradece é Aracy / os meus sucessos contigo estão — e os teus aplausos no meu coração / hei de morrer como nasci / sempre cantando, sempre Aracy". Que Assis Valente se um bom profeta.

MARA CABALLER